

RECONSTRUÇÃO DE IMAGENS DE MUNDO E APRENDIZAGEM DISCURSIVA DA DOCÊNCIA: RELATOS DO ESTÁGIO GEOETNOGRÁFICO REMOTO

Rosalvo Nobre Carneiro

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Pau dos Ferros, RN

E-mail: rosalvonobre@uern.br

Introdução

Durante quatro semestres, entre março de 2020 e março de 2022, o estágio curricular supervisionado em Geografia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte no Campus de Pau dos Ferros aconteceu de modo remoto. Neste período, foram constantes as preocupações dos estagiários quanto às suas aprendizagens. Este contexto possibilitou pensar a metodologia geoetnográfica adotada por mim nas disciplinas de Orientação e Estágio Supervisionado em Geografia (OESG) como norte da formação docente pela via da construção e da reconstrução de imagens de mundo.

Estas imagens são entendidas por nós como saberes de fundo que norteiam o pensar, a prática e as ações dos estagiários em processo de aprendizagem da docência. Assim, o estágio e a prática de ensino que a acompanha é um espaço de aprendizagem da profissão docente (LIMA, 2008). A nossa prática pedagógica se concentra em dissolver ou reforçar as autoimagens dos estagiários mediante uma perspectiva intersubjetiva de formação e de didática mediada pelo agir comunicativo.

Para Habermas (2012) agir comunicativamente é orientar-se pela intercompreensão mútua, livre e sem coerções. Daí falarmos de aprendizagem discursiva. Esta aprendizagem é reflexiva (HABERMAS, 2002) e se vale de um interesse emancipatório (HABERMAS, 1987). Como autonomização se revela em práticas autoformativas e autoavaliativas que garantem o protagonismo do estagiário, “levando-se em conta que a reelaboração das ideias só pode ser realizada pelo próprio aluno, e que o conhecimento não se dá por acumulação e sim por reconstrução dos saberes adquiridos, a avaliação formativa evolui necessariamente para a *autoavaliação*.” (GRILLO; FREITAS, 2010, p. 45, grifos dos autores).

Posto isto, em que medida a formação inicial de professores de Geografia via estágio curricular supervisionado geoetnográfico remoto contribuiu para a aprendizagem da

Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n. 44, v. 3, p. 77-84, set/2022, Dossiê Temático “Geografia, Ensino e Pesquisa no transcurso da pandemia da Covid-19”.

ISSN: 2176-5774

docência? Esta aprendizagem, entendida como a reconstrução de autoimagens sobre temas da realidade escolar, o campo de estágio, foi relacionada com o uso da linguagem orientada para o entendimento compartilhado?

Neste contexto, relata-se a nossa experiência e prática no estágio curricular supervisionado remoto em Geografia. Logo, objetivou-se demonstrar a relação entre a formação docente inicial pela reconstrução de imagens de mundo diante de temas da realidade escolar propiciada pela abordagem pedagógica geoetnográfica. Especificamente, descreveu-se como esta reconstrução, entendida como aprendizagem, se relaciona com o uso da linguagem orientada para o entendimento mútuo entre mim e os estagiários.

Em seguida, descrevo o método e os materiais utilizados. Na sequência, extraio da minha própria prática e das práticas dos estagiários, as experiências comprobatórias das possibilidades de uma formação remota. Por fim, concluo buscando demonstrar o quanto a nossa experiência em formar professores *online* passou no teste da pandemia.

Material e métodos

Temos lançado mão da abordagem geoetnográfica em nossa prática pedagógica, no estágio curricular supervisionado em Geografia (CARNEIRO, 2020b) e no programa formativo do Pibid (CARNEIRO, 2020a; SOUZA, SOUZA, CARNEIRO, 2021). Promissora nas situações presenciais, com a OESG remota esta prática foi posta em autoquestionamento bem como pelos próprios estagiários.

Diante disso, falo em uma abordagem pedagógica desenvolvida para uso no campo da formação docente inicial a partir da proposta original da Geoetnografia, para pesquisas de campo em estudos de natureza cultural articulando a perspectiva interna de mundo com a externa. No dizer de sua autora, Souza (2013),

Essa proposta leva em consideração o ideal do encontro entre mundos diversos, ou seja, entre “nós” e “eles”. Pensamos sempre que é necessário que as pesquisas sobre “eles” encontrem fórmulas que proporcionem um pensar sobre “nós”. E, inversamente, é preciso que as pesquisas sobre “nós” incorporem as noções que foram e continuam a ser desenvolvidas para pensar sobre “eles”. (p. 67).

De modo prático, nas minhas disciplinas de OESG I e II, no ensino fundamental, e III e IV no ensino médio, desenvolvi a metodologia do *Percurso Formativo Geoetnográfico* (PFG). Enquanto a trajetória de uma biografia humana e profissional, entre os espaços de

formação universitária e escolar, este percurso se materializa num procedimento teórico-prático (Quadro 1).

Quadro 1 – Percurso Formativo Geoetnográfico: síntese do modelo da OESG

Etapas	1 “O lá” - o imaginado	2 “O aqui lá”	3 “O chegar lá”	4 “O estar lá”	5 “O voltar de lá”	6 “O Eu aqui”
Significado	Os significados podem ser consultado em Souza (2012, 2013)					
O que pesquisar	Temáticas da realidade escolar, conforme interesse do estagiário					
Onde fazer	Universidade ou m casa		Escola campo de estágio		Universidade ou casa	
Para que fazer	Construir uma imagem inicial, uma pré-compreensão	Conhecer o que outros dizem	Elaborar uma descrição e construir uma compreensão inicial	Elaborar uma descrição e uma compreensão ampla.	Elaborar uma descrição e construir uma compreensão final.	Avaliar a mudança interior. Contribuir para a formação do professor
Como fazer	Comparação entre os escritos das duas etapas.		Comparação entre os escritos das duas etapas.		Comparações finais e conclusões	

Fonte: O autor, 2022.

Consoante Carneiro (2020a), as etapas 1 e 2, 3 e 4, 5 e 6 configuram três ciclos formativos nos quais a reflexão ocorre ao modo de confirmações ou de modificações de conhecimentos e práticas. Na condição de professor supervisor de estágio, estabeleço um diálogo com os estagiários orientando-se para entendimentos em torno dos seus objetos de pesquisas. Trata-se, portanto, de uma perspectiva formativa intersubjetiva pelo compartilhamento de imagens de mundo subjetivas. Para Habermas (2012), o mundo subjetivo se define pela totalidade das experiências de acesso privilegiado da pessoa, daí a necessidade da sua exteriorização pela fala.

Para este relato, analisamos os percursos formativos geoetnográficos de uma estagiária e um estagiário que cursaram a OESG II, relativa à regência no ensino fundamental durante o semestre remoto de 2021.1. A escolha se deve a estes alunos já terem cursado a OESG I, relacionada à observação em 2020.2, também de modo remoto.

Os Ciclos Formativos Geoetnográficos (CFG) e as reconstruções de imagens de mundo

Nos relatos dos estagiários, dois complexos temáticos aparecem (Quadro 2). No caso da estagiária, identificada pelas iniciais de seu nome VMCC, o seu imaginário se voltou para a didática da professora supervisora na escola, as metodologias de ensino e as *Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n. 44, v. 3, p. 77-84, set/2022, Dossiê Temático “Geografia, Ensino e Pesquisa no transcurso da pandemia da Covid-19”*.

habilidades socioemocionais. O estagiário, identificado como DDR, orientou suas autoimagens para a infraestrutura escolar, o domínio dos conteúdos e o uso do livro didático em sala de aula pelo seu professor supervisor.

Quadro 2 – Primeiro Ciclo Formativo Geoetnográfico: relatos e reconstruções

“O lá” - o imaginado	“O aqui lá” - falando dos de lá	Reconstrução de imagens de mundo
<p><i>“Acredito que a metodologia da docente seja boa, [...] sempre disposta para ajudar seus alunos, se dedicando tirando as dúvidas dos mesmos sobre o conteúdo ou atividade.” (VMCC).</i></p>	<p><i>“Em relação com a metodologia da docente após uma entrevista com um aluno, percebi que foi muito parecido com o eu que havia pensado. A professora é uma pessoa dedicada e atenciosa com todos.” (VMCC).</i></p>	<p><i>“O ensino exige do professor uma forma motivadora, uma didática que possibilite superar as adversidades na educação.” (VMCC).</i></p>
<p><i>“Quando me imagino dando aulas na Escola Estadual [...], penso em um bom ambiente [...], as condições materiais são satisfatórias [...]. O professor [...] domina os conteúdos, no entanto ele deixa a desejar em alguns [...]. Por isso, o professor acaba seguindo o que está no livro por comodidade [...].” (DDR).</i></p>	<p><i>“A primeira entrevistada estudou no colégio há 4 anos [...] e falou que as estruturas do colégio eram deficitárias em comparação a “média”. [...] Em contrapartida ele mencionou que o professor era bem qualificado e sabia dar aula de forma crítica [...].” (DDR).</i></p>	<p><i>“[...] Considero que tive a visão equivocada e romantizada sobre todos os colégios estaduais terem uma estrutura material capaz de oferecer o necessário para os discentes estudarem. E ainda me equivoquei sobre a didática dos professores, já que a entrevistada disse que [o professor] consegue desenvolver o assunto sem necessariamente seguir o livro dogmaticamente.” (DDR).</i></p>

Fonte: extraídos dos Percursos Formativos Geoetnográficos dos estagiários, semestre 2021.2

Extraí-se desses relatos que as personalidades influenciam nas escolhas dos temas de pesquisa. VMCC é uma aluna meiga e afetuosa com os professores, colegas e alunos. DDR, por sua vez, é observador e questionador. Com isso, afirma-se que o percurso formativo geoetnográfico não dissocia a formação profissional da formação humana, considerando-se o entendimento da identidade como um paradoxo, a partir de Habermas (2016).

Logo, afirma-se o processo sinérgico da construção da identidade humana e da docente e a sua consciência (CARNEIRO, 2020b). Esta construção sintetiza-se nas ideias de confirmação ou de modificação do pensamento, do conhecimento, das práticas e das ações. Destarte, no primeiro ciclo formativo, “entre imaginar a realidade escolar e pesquisar o que foi dito ou escrito sobre ela, em variadas fontes, exige-se a reflexão sobre as pretensões de validade de nosso próprio juízo de valor levantado.” (CARNEIRO, 2020a, p. 347). As suas duas etapas geralmente são escritas na universidade ou em casa, diferentemente do segundo ciclo formativo, com as etapas 3 e 4 da pesquisa (Quadro 3), escrito na escola.

Quadro 3 – Segundo Ciclo Formativo Geoetnográfico: relatos e reconstruções

“O chegar lá” - o primeiro olhar	“O estar lá” - o vivido, o sentido e o colhido	Reconstrução de imagens de mundo
<p><i>“A turma de alunos é formada por 14 discentes que integraram o 6º ano do período letivo de 2021. [...] Os estudantes estão distribuídos entre 10 mulheres e 04 homens, com idades entre doze a quinze anos.” (VMCC).</i></p>	<p><i>“As aulas são expositivas utilizando de apresentações de slides, estamos trabalhando com o livro didático de geografia sempre trazendo exemplo da realidade local associando com os conteúdos do livro.” (VMCC).</i></p>	<p><i>“A regência está sendo muito importante para a minha identidade pessoal, formação docente. [...] Venho desenvolvendo minha metodologia de ensino, [...] ganhando experiência [...] e apesar de poucos estudantes assistirem as aulas online está sendo muito gratificante.” (VMCC).</i></p>
<p><i>“Comecei a aula bem confiante, pois tinha estudado [...] e planejado a sequência didática [...]. Como só tinha uma hora de aula, [...] eu iria expor o conteúdo [...], pois achava que teria pouca participação [...]. Entretanto, dois alunos [...] participaram muito da aula, fazendo com que eu não conseguisse terminar o conteúdo [...]” (DDR).</i></p>	<p><i>“Com o decorrer das aulas, fui entendendo o ritmo da sala e dos alunos. Dessa forma, consegui planejar a próxima aula de forma [...] descentralizada desde o início. Assim, consegui manejar as aulas e controlar o tempo de fala dos alunos, para que não se estendam muito.” (DDR).</i></p>	<p><i>“Por fim, a maior parte das minhas concepções foi quebrada depois da primeira aula. O estágio me fez perceber que os estereótipos que criamos a partir de vivências ou da mídia nem sempre estão apoiados na razão.” (DDR).</i></p>

Fonte: extraídos dos Percursos Formativos Geoetnográficos dos estagiários, semestre 2021.2

Para VMCC, a sua chegada à escola foi de descoberta sobre a turma, mobilizando o uso de metodologias diversas durante a sua regência. A condição remota do estágio não tirou a sua determinação, pois se nota um reforço de sua compreensão sobre a importância do estágio pelo contato com a turma. DDR ao tocar no tema da aula expositiva, amplificada na aula remota, menciona a importância do planejamento e, por fim, a aprendizagem como uma quebra de autoconcepções. Diante disso, esclarece-se com Carneiro (2020a),

No segundo ciclo, a chegada inicial ao espaço escolar é sempre marcada pela produção de autoimagens, as quais cabem verificar se estão de acordo com o teste da vivência por mais tempo e das experiências no campo, no momento em que o estagiário começa a se posicionar com uma pessoa do grupo, como um professor da própria escola, como professor de seus alunos. (2020a, p. 347).

Finalizada a prática de ensino nas escolas campo, o estágio continua com a disciplina de OESG II na Universidade. Neste momento, o terceiro ciclo formativo se vislumbra com o voltar de lá e as reflexões finais da formação docente remota (Quadro 4).

Quadro 4 – Terceiro Ciclo Formativo Geoetnográfico: relatos e reconstruções

“O voltar de lá” - as experiências observadas	“O Eu aqui” – as contribuições, reflexões e a geoetnografia	Reconstrução de imagens de mundo
<p><i>“A regência [...] foi fundamental para observar a dinâmica na sala de aula, o vínculo professor-aluno, o planejamento das aulas, os conteúdos trabalhados, [...] a escola está sempre se preocupando com os discentes [...].” (VMCC).</i></p>	<p><i>Uma sugestão para a instituição, é que os profissionais utilizem dinâmicas socioemocionais, para trabalhar as emoções dos discentes, jogos e brincadeiras lúdicas, músicas. (VMCC).</i></p>	<p><i>“O estágio curricular é importante para a consolidação da formação de professor, pois permite a inserção [...] no espaço de trabalho, oportunizando o contato com os alunos, enquanto compreende [...] as dificuldades inerentes a carreira do magistério.” (VMCC).</i></p>
<p><i>“Mesmo que o docente domine todo o conteúdo é preciso ter método para repassá-lo, pois os alunos precisam de auxílio para interpretar o conteúdo, e não somente gravá-lo de forma mecânica.” (DDR).</i></p>	<p><i>“[...] Com a experiência do primeiro e segundo estágio que participei, pude acabar com o preconceito que tinha contra os professores de geografia do ensino médio e fundamental. [...] Indico incluir na [...] formação dos professores, [...] algo relacionado a saber lidar com as personalidades dos alunos.” (DDR).</i></p>	<p><i>“Diante de todas as dificuldades do ensino remoto, o estágio para mim foi de grande valia, pois consegui ter a experiência da realidade da sala de aula como professor [...]. Dessa forma, passei a entender melhor a figura do professor e sua relação com os alunos.” (DDR).</i></p>

Fonte: extraídos dos Percursos Formativos Geoetnográficos dos estagiários, semestre 2021.2

O terceiro ciclo é o momento final no qual a dimensão subjetiva do estagiário importa e a dimensão intersubjetiva é destacada. Diz-se final, pois a discussão e a expressão são exercidas, sempre, na Universidade, na OESG, ao final tanto do primeiro quanto do segundo ciclo. A linguagem em sua função de entendimento é basilar no contexto de uma formação docente pela via do agir comunicativo. Ela possibilita o cruzamento de pontos de vistas dos estagiários, com o de terceiros e, especialmente, comigo durante a OESG.

Mediante estes cruzamentos, a estagiária e o estagiário concluem sobre a importância do estágio, incluindo a prática de ensino, para a formação docente, ainda que remoto, ao oportunizar contato com os alunos e a compreensão dos problemas da carreira. Para Almeida; Calazans (2016, p. 377), “o profissional que se autoavalia e consegue retornar seu fazer pedagógico com melhorias é, sem dúvida capaz de produzir conhecimento, pois ele reflete e transforma sua práxis”.

Por isso, vindas de algum lugar, as imagens dos estagiários sobre a realidade escolar se fixam em estereótipos, no receio quanto ao uso do livro didático, no domínio dos conteúdos e na didática do professor, dentre outros. A partir daí, se constituíram como o pano de fundo temático necessitado de aprendizagens discursivas.

Diante de tudo isso, concluímos que o estágio curricular supervisionado geoetnográfico passou no teste empírico da pandemia com o ensino remoto. Ele se revelou eficaz quanto à reconstrução de autoimagens pelos estagiários e sua mediação pela linguagem.

Referências

ALMEIDA, J. P. de; CALAZANS, D. R. Contribuições da pesquisa no estágio supervisionado na formação do professor de geografia. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Campinas, n. 6, n.11, p 361-380, jan./jun. 2016. Disponível em: <http://www.revistaedugeo.com.br/ojs/index.php/revistaedugeo/article/view/306/196>. Acesso em: 13 abr. 2022.

CARNEIRO, R. N. Construção da identidade docente no Pibid geoetnográfico pela via do agir comunicativo. **REVASF**, Revista de Educação da Universidade Federal do Vale do São Francisco, v. 10, p. 337-373, 2020a. Disponível em: <https://www.periodicos.univasf.edu.br/index.php/revasf/article/view/1281>. Acesso em: 30 ago. 2022.

CARNEIRO, R. N. Geoetnografia, agir comunicativo e formação docente no estágio curricular supervisionado. In: SANTANA, Wilder Kleber Fernandes de; SILVEIRA, Éderson Luís. (Org.). **EDUCAÇÃO: entre saberes, poderes e resistências**. São Carlos – SP: Pedro e João Editores, 2020b. p. 380-398. Disponível em: <https://pedrojoaoeditores.com.br/site/educacao-entre-saberes-poderes-e-resistencia-vol-1/>. Acesso em: 30 ago. 2022.

GRILLO, M. C.; FREITAS, A. L. S. de. AUTOAVALIAÇÃO: por que e como realizá-la? In: GRILLO, M. C.; GESSINGER, R. M.; FREITAS, A. L. S. de (org.). **Por que falar ainda em avaliação?** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010. p. 45-49.

HABERMAS, J. **Conhecimento e interesse**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

HABERMAS, J. **A crise de legitimação no capitalismo tardio**. 2 ed. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 2002

HABERMAS, J. **Teoria do agir comunicativo: racionalidade da ação e racionalização social**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012. v. 1.

HABERMAS, J. **Para a reconstrução do materialismo histórico**. São Paulo: Editora Unesp, 2016.

LIMA, M. S. L. Reflexões sobre o estágio/prática de ensino na formação de professores. **Revista Diálogo Educacional**, [S. l.], v. 8, n. 23, p. 195–205, 2008. DOI: 10.7213/rde.v8i23.4015. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/dialogoeducacional/article/view/4015>. Acesso em: 12 abr. 2022.

Relato de Experiência

Reconstrução de imagens de mundo e aprendizagem discursiva da docência: relatos do estágio geotnográfico remoto.
Rosalvo Nobre Carneiro

SOUZA, Â. F. G. de. Saberes Dinâmicos: o uso da etnografia nas pesquisas Geográficas Qualitativas. In: MARAFON, G. J.; RAMIRES, J. C. de L.; RIBEIRO, M. A.; PESSÔA, V. L. S. (Org.). **Pesquisa qualitativa em Geografia: reflexões teórico-conceituais e aplicadas.** Rio de Janeiro: ed. UERJ, 2013. p. 55-68. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/hvsth>. Acesso em: 11 abr. 2022.

SOUZA, A. C. N. de; SOUZA, S. D. G. de; CARNEIRO, R. N. Identidade docente em Geografia e programas formativos: uma interpretação Habermasiana. **Geografia Ensino & Pesquisa**, [S. l.], v. 25, p. e10, 2021. DOI: 10.5902/2236499448020. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/geografia/article/view/48020>. Acesso em: 30 ago. 2022.